

ÍNDICE

Introdução: A situação ainda é excelente?	9
1. O ataque com <i>drones</i> à Arábia Saudita alterou realmente as regras do jogo?	13
2. Quem torna o Curdistão selvagem?	17
3. Problemas no nosso paraíso	21
4. Os perigos de tomar um café com Assange	26
5. Anatomia de um golpe: a democracia, a Bíblia e o lítio	30
6. Chile: rumo a um novo significado	34
7. O fracasso da esquerda trabalhista: uma autópsia	52
8. Sim, o antissemitismo está vivo e bem vivo — mas onde?	56
9. Um ato perfeitamente racional... num mundo enlouquecido	61
10. Vencedores e vencidos da crise iraniana	64
11. A América perdeu de facto a sua liderança moral? Como os Estados Unidos se estão a tornar um sistema quadripartidário	67
12. Um apelo por uma esquerda moderadamente conservadora	74
13. A Amazónia está a arder — e depois?	78
14. Uma mudança radical, não empatia	84
15. Trump contra os Rammstein	90
16. Que dia de vergonhoso!	98
17. Os limites da democracia	103
18. A coragem do desespero da Covid	110

19. O paradoxo do barbeiro de Trump	117
20. Como matar Trump na sua noção	121
21. O renascer da democracia? Não com Joe Biden!	125
22. O estado das coisas: a escolha	130
23. O «Grande <i>Reset</i> »? Sim, por favor... mas um verdadeiro!	138
24. Cristo em tempos de pandemia	151
25. Primeiro como farsa, depois como tragédia?	156
26. Qual é a maior traição de Trump?	164
27. À tua, Julian Assange!	170
28. Biden sobre a (falta de) alma de Putin	172
29. Luta de classes contra o classismo	175
30. «Temos de viver até morrer»: o que podem os Rammstein dizer-nos sobre a vida durante a pandemia?	190
31. Um manifesto europeu	196
32. Que jogo deixou de funcionar?	200
33. Uma luz ao fundo do túnel?	206
34. Três posturas éticas	212
35. A Comuna de Paris faz 150 anos	224
36. Porque sou ainda comunista	239

INTRODUÇÃO: A SITUAÇÃO AINDA É EXCELENTE?

Uma das frases mais conhecidas de Mao Tsé-Tung é: «Há grande desordem debaixo do céu; a situação é excelente.» É fácil compreender o que Mao quis dizer com isto: quando a ordem social existente está a desintegrar-se, o caos resultante oferece às forças revolucionárias uma grande oportunidade para agir de forma decisiva e para tomar o poder político. Hoje, há sem dúvida uma grande desordem debaixo do céu, com a pandemia da covid-19, o aquecimento global, os sinais de uma nova Guerra Fria e a erupção de protestos populares e antagonismos sociais em todo o mundo, para citar apenas algumas das crises que nos assolam. Mas este caos ainda tornará a situação excelente ou o perigo de autodestruição será demasiado elevado? A diferença entre a situação que Mao tinha em mente e a nossa própria situação pode ser mais bem traduzida por uma pequena distinção terminológica. Mao fala sobre a desordem *debaixo* do céu, em que o «céu», ou o grande Outro, qualquer que seja a sua forma — a lógica inexorável dos processos históricos, as leis do desenvolvimento social —, ainda existe e regula discretamente o caos social. Hoje, devemos falar sobre o *próprio céu* como estando em desordem. O que quero dizer com isto?

Em *Der geteilte Himmel* [O céu dividido] (1963), o clássico romance da RDA de Christa Wolf sobre o impacto subjetivo da divisão da Alemanha, Manfred (que escolheu o Ocidente) diz à sua amada, Rita, quando se encontram pela última vez: «Mas mesmo que a nossa terra esteja dividida, ainda partilhamos o mesmo céu.» Rita (que escolheu permanecer no Leste) responde amargamente: «Não, primeiro dividiram o céu.» Por mais apolo-gético (em relação ao Leste) que o romance possa ser, ele oferece uma visão correta de como as nossas divisões e lutas «terrenas» acabam sempre por se basear num «céu dividido», isto é, numa divisão muito mais radical e exclusiva do próprio universo (sim-bólico) em que vivemos. O portador e instrumento dessa «divisão do céu» é a linguagem, enquanto meio que sustenta a forma como experimentamos a realidade — a linguagem, e não os interesses egotistas primitivos, é o primeiro e maior divisor. É devido à lín-gua que nós (podemos) «viver em mundos diferentes» dos nossos vizinhos, ainda que eles morem na mesma rua.

Hoje, a situação não é que o céu esteja dividido em duas es-feras, como era o caso no período da Guerra Fria, quando duas visões do mundo globais se confrontavam. As divisões do céu nos nossos dias parecem cada vez mais traçadas dentro de cada país específico. Nos Estados Unidos, por exemplo, há uma guer-ra civil ideológica e política entre a *alt-Right* e o *establishment* liberal-democrático, enquanto no Reino Unido há divisões igual-mente profundas, tal como as que foram recentemente expressas na oposição entre os defensores do Brexit e os anti-Brexit... Os espaços para pontos em comum estão cada vez mais a diminuir, refletindo o fechamento contínuo do espaço público físico, e isto está a acontecer num momento em que múltiplas crises que se intersectam significam que a solidariedade global e a cooperação internacional são mais necessárias do que nunca.

Nos últimos meses, as formas muitas vezes alarmantes como a crise da pandemia da covid-19 se interliga com as crises so-

ciais, políticas, ecológicas e económicas em curso tornaram-se cada vez mais evidentes. A pandemia deve ser tratada em conjunto com o aquecimento global, com os antagonismos de classe em erupção, com o patriarcado e a misoginia, e com as muitas outras crises em curso que a acompanham e que se relacionam entre si numa interação complexa. Essa interação é incontrolável e cheia de perigos, e não podemos contar com nenhuma garantia divina para tornar a solução claramente imaginável. Uma situação tão arriscada torna o nosso momento eminentemente político: a situação decididamente *não* é excelente, e é por isso que é preciso agir.

Então, o que se deve fazer? A exigência de Lênine de uma «análise concreta da situação concreta» é hoje mais atual do que nunca. Nenhuma fórmula universal simples pode fornecer a resposta — há momentos em que é necessário um apoio pragmático para medidas progressistas modestas; há momentos em que um confronto radical é a única saída; e há momentos em que um silêncio sóbrio (e um par de mitenes bonitas) diz mais do que mil palavras.

1. O ATAQUE COM *DRONES* À ARÁBIA SAUDITA ALTEROU REALMENTE AS REGRAS DO JOGO?

Quando, em setembro de 2019, os rebeldes hutis do Iémen lançaram um ataque com *drones* contra as refinarias de petróleo da Saudi Aramco, os nossos meios de comunicação caracterizaram repetidamente este acontecimento como tendo «mudado as regras do jogo». Mas tê-lo-ia sido mesmo? Em termos de senso comum, sim, uma vez que perturbou o abastecimento global de petróleo e aumentou a probabilidade de um grande conflito armado no Médio Oriente. No entanto, é preciso ter cuidado para não perder a ironia cruel desta afirmação.

Os rebeldes hutis no Iémen estão há anos em guerra aberta contra a Arábia Saudita, e as forças armadas sauditas (apoiadas pelos Estados Unidos e pelo Reino Unido) destruíram praticamente todo o país, bombardeando indiscriminadamente alvos civis. A intervenção saudita originou uma das piores catástrofes humanitárias, com dezenas de milhares de crianças mortas. Mas, como foi o caso da Líbia e da Síria, destruir um país inteiro não é, obviamente, mudar as regras do jogo, é antes parte do jogo geopolítico normal.

Mesmo que condenemos a atuação dos hutis, devemos realmente ficar surpreendidos ao vê-los, encurralados e numa situação desesperada, a retaliarem como podem? Longe de mudar as

regras do jogo, o ato deles é o seu culminar lógico. Parafraseando uma das vulgaridades inqualificáveis de Donald Trump, eles finalmente encontraram a maneira de agarrar a Arábia Saudita pela r***, onde realmente dói. Ou, parafraseando a famosa frase da *Ópera dos Três Vinténs*, de Brecht, «O que é o assalto a um banco em comparação com a criação de um novo banco?»: o que é destruir um país em comparação com perturbar ligeiramente a reprodução do capital?

A atenção mediática captada por esse ataque huti que «mudou as regras do jogo» também nos distraiu convenientemente de outros projetos verdadeiramente revolucionários, como o plano israelita de anexar grandes áreas férteis da Cisjordânia.¹ O que isto significa é que toda a conversa sobre a solução de dois Estados é apenas isso, conversa oca destinada a ofuscar a realização implacável de um projeto de colonização moderno, no qual o que aguarda os palestinos da Cisjordânia será, na melhor das hipóteses, alguns bantustões rigidamente controlados. Convém ainda assinalar que Israel está a fazê-lo com a conivência silenciosa da Arábia Saudita — mais uma prova de que um novo eixo do mal está a emergir no Médio Oriente, composto por Arábia Saudita, Israel, Egito e Emirados Árabes Unidos. É aqui que as regras do jogo estão realmente a mudar!

E, para ampliar o alcance da nossa análise, também devemos estar atentos à forma como as regras do jogo estão a mudar com os protestos de Hong Kong. Uma dimensão normalmente ignorada nos nossos meios de comunicação é a da luta de classes, a qual sustenta os protestos de Hong Kong contra os esforços da China no sentido de restringir a sua autonomia. Os protestos de Hong Kong começaram por eclodir nos bairros pobres; os ricos prosperavam sob o controlo chinês. Depois, ouviu-se uma nova voz. Em

1 Oliver Holmes, «Netanyahu Vows to Annex Large Parts of the Occupied West Bank», *The Guardian*, 11 de setembro de 2019, <https://www.theguardian.com/world/2019/sep/10/netanyahu-vows-annex-large-parts-occupied-west-bank-trump>.

8 de setembro de 2019, manifestantes marcharam até ao consulado dos Estados Unidos em Hong Kong, com a CNN a relatar que «uma faixa transportada na marcha dizia em inglês, “Presidente Trump, por favor, liberte Hong Kong”, [enquanto] alguns manifestantes cantavam o hino dos Estados Unidos».² David Wong, um banqueiro de trinta anos, teria dito: «Partilhamos os mesmos valores americanos de liberdade e democracia.» Toda a análise séria dos protestos de Hong Kong tem de se concentrar no modo como um protesto social, que pode mudar as regras do jogo, foi recuperado para a narrativa padrão da revolta democrática contra o regime totalitário.

E o mesmo se aplica à análise da própria China continental, com os nossos meios de comunicação a noticiarem que o Instituto de Economia Unirule, um dos poucos bastiões do pensamento liberal que ainda restam na China, foi obrigado a encerrar, o que é visto como mais um sinal da redução drástica do espaço para o debate público sob o governo do líder chinês Xi Jinping. No entanto, isto está longe da intimidação policial, dos espancamentos e das detenções a que os estudantes de esquerda na China estão a ser submetidos. Ironicamente, levando mais a sério do que se pretendia o regresso oficial ao marxismo, grupos de estudantes encetaram contactos com trabalhadores que sofrem exploração extrema em fábricas nos arredores de Pequim. Nas fábricas químicas, em particular, a poluição é imensa, em grande parte descontrolada e ignorada pelo poder estatal, e os estudantes ajudam os trabalhadores a organizarem-se e a formularem as suas reivindicações. Esses contactos entre estudantes e operários representam o verdadeiro desafio ao regime, enquanto a luta entre a nova linha dura de Xi Jinping e os liberais pró-capitalistas faz, em última análise, parte do jogo dominante. Ela expressa a tensão dominante entre

2 Ben Westcott, Julia Hollingsworth e Caitlin Hu, «Hong Kong Protesters March to US Consulate to Call for Help From Trump», CNN, 9 de setembro de 2019, <https://edition.cnn.com/2019/09/08/asia/hong-kong-us-protests-0809-intl-hnk/index.html>.

as duas versões do desenvolvimento capitalista desenfreado: autoritária e liberal.

Em todos estes casos, do Iémen à China, deve, portanto, aprender-se a distinguir entre os conflitos que fazem parte do jogo e aqueles que verdadeiramente mudam as regras do jogo, que são ou viragens sinistras para pior, mascaradas de continuação do estado normal das coisas (Israel a anexar grandes partes da Cisjordânia), ou sinais promissores de algo realmente novo a emergir. A visão liberal predominante está obcecada pelos primeiros e ignora, em grande parte, os segundos.